

## Uma Casa e Uma Avenida: Simbolismo, Identidade e Racionalidade Modernista em Anápolis

Tiago José Duarte Rézio<sup>1</sup>; Milena D'ayala Valva<sup>2</sup>; Fernando Lobo Lemes<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta dois estudos que sintetizam o rompimento com o passado dos trilhos e do vapor e a esperança no futuro das rodovias e do automóvel, na cidade de Anápolis, localizada entre as cidades de Brasília (capital federal) e Goiânia (capital do Estado de Goiás). A partir da memória individual e coletiva, serão analisadas uma casa modernista, construída em uma zona rural na década de 1960 – tomando a arquitetura como símbolo de ruptura com o passado e advento da modernidade – bem como uma avenida e sua consolidação como eixo cívico e vetor econômico que simboliza a força do capitalismo na produção do espaço. Assim, buscou-se compreender, através da materialização da paisagem, a relação da cidade com a construção de sua história.

**Palavras-Chave:** Paisagem; Modernismo; Urbanismo.

---

<sup>1</sup>Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado - TECCER da Universidade Estadual de Goiás - UEG e professor no curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade Metropolitana de Anápolis - FAMA.

<sup>2</sup>Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo - USP com estágio na Università IUAV di Venezia e professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado - TECCER da Universidade Estadual de Goiás - UEG e do curso de Arquitetura e Urbanismo - UEG.

<sup>3</sup>Doutor em História pela Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris 3, professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado - TECCER da Universidade Estadual de Goiás - UEG e coordenador do Núcleo de Pesquisa Científica - NPC da Faculdade Raízes. Email: fernando.lemes@ueg.br

## 19 INTRODUÇÃO

20 A cidade de Anápolis, sempre conviveu com a ideia e a influência do novo. Se  
21 considerarmos os eventos e as mudanças mais significativas que ocorreram ao longo  
22 de sua história, o intervalo entre elas não chega a três décadas – elevação da vila à  
23 categoria de cidade (1907); fundação de Goiânia, capital do Estado (1933); chegada dos  
24 trilhos e inauguração da estação ferroviária (1935); construção de Brasília (1960);  
25 inauguração do distrito industrial (1976). Tais mudanças não influenciaram,  
26 evidentemente, apenas os aspectos arquitetônicos e urbanos, mas, sobretudo, a forma  
27 do habitante pensar e lidar com a memória da cidade.

28 Conforme afirma Maurício Abreu, esta relação com o novo está intimamente  
29 associada às ideologias de progresso que, a partir do período republicano, buscavam  
30 promover o Brasil como o “país do futuro”, com grande aceitação por parte das “elites  
31 modernizadoras” do século XX. Segundo o autor, “lemas como [...] “cinquenta anos em  
32 cinco”, “pra frente Brasil” e muitos outros, independentemente de seus vínculos  
33 político-ideológicos, ilustram bem esse movimento de valorização do novo e  
34 justificaram um sem número de intervenções realizadas sobre as paisagens do  
35 passado”<sup>4</sup>.

36 Além disso, no caso de Anápolis – cujo distrito agroindustrial foi o primeiro  
37 inaugurado em Goiás na sequência de uma onda desencadeada por iniciativa do  
38 governo estadual –, é possível que esse modelo de industrialização tardia tenha levado  
39 a uma mentalidade associada à urgência de se construir um estado moderno no  
40 âmbito da região.

41 Tal mentalidade ainda é frequentemente promovida e está inscrita na agenda  
42 dos protagonistas econômico-financeiros e políticos, com o intuito de atrair para o  
43 mercado local empresas que alavanquem economicamente o *status* de Goiás junto às  
44 demais regiões do país. Essa agenda reafirma um discurso político e ideológico de  
45 dinamismo em seu processo modernizador no contexto da industrialização nacional,

---

<sup>4</sup> Maurício Abreu, “Sobre a memória das cidades” In *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*, Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de Souza e Maria Encarnação Beltrão Sposito (São Paulo: Contexto, 2011), 23.

46 estabelecido por uma competitividade em função de maior acúmulo de capital a partir  
47 do desenvolvimento técnico-científico que reforça a construção de uma identidade  
48 inovadora eivada de atrativos econômicos.

49 Por estes caminhos, os interesses mercantis sobre diversas áreas da cidade,  
50 sobretudo no centro histórico – denominado, no atual Plano Diretor<sup>5</sup>, como Centro  
51 Pioneiro –, fazem com que as poucas tentativas de preservação não sejam bem  
52 sucedidas. Se nos cenários mundial e nacional, a preservação está ligada a práticas de  
53 espetacularização com objetivos fundamentalmente turísticos – fato que tem gerado  
54 críticas e reflexões a respeito do caminho ideal a ser tomado pelas iniciativas ligadas à  
55 conservação da memória coletiva – em Anápolis essa não é a realidade encontrada, em  
56 que pese alguns setores ou grupos de interesses insistirem no termo e no incentivo ao  
57 “turismo empresarial” ou “de negócios”. Mesmo assim, as práticas associadas ao  
58 processo de urbanização inserem e fazem uso do discurso global de preservação do  
59 patrimônio, ainda que a arquitetura e o urbanismo do passado ganhem destaque  
60 enquanto refúgio cenográfico apenas quando há atratividade turística. Assim a  
61 preservação do patrimônio material perde seu sentido quando desprendido da  
62 lucratividade.

63 Não se deve esquecer, entretanto, que a construção identitária de um núcleo  
64 urbano como Anápolis está associada a elementos constituídos a partir da experiência  
65 elaborada pela relação contraditória estabelecida com as constantes mudanças ou  
66 modernizações. Por outro lado, a busca e a afirmação de uma identidade é, sem  
67 dúvida, traço importante para a coesão social, bem como para a relação de  
68 pertencimento de uma população com sua cidade. Neste aspecto, vale notar, que  
69 parte essencial desse fenômeno se constrói através do processo de elaboração da  
70 memória e da preservação do patrimônio histórico urbano e arquitetônico.

71 O intuito desse artigo, portanto, é contribuir para a compreensão de  
72 fenômenos ligados à construção da memória e a preservação do patrimônio  
73 arquitetônico na cidade de Anápolis através de dois estudos que sintetizam o  
74 rompimento com o passado dos trilhos e do vapor e a esperança no futuro das

---

<sup>5</sup> Anápolis, Lei Complementar nº 349. Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Anápolis (Anápolis: Plano Diretor de Anápolis, 2016), <http://www.leis.anapolis.go.gov.br/leis/page/inicio.jsf>

75 rodovias e do automóvel. Por essa via, buscou-se compreender, através da  
76 materialização da paisagem, a relação da cidade com a construção de sua história.

77 O estudo a seguir toma como marco a construção de Brasília e sua influência  
78 na arquitetura e nas formas de pensar os aspectos urbanos da cidade. Na primeira  
79 parte, será analisada uma casa modernista e suas características simbólicas que  
80 demonstram o rompimento com a cultura do habitar rural. A segunda analisará a mais  
81 importante via da cidade, a Avenida Brasil, como um eixo da racionalidade,  
82 enaltecendo o pensamento promovido com a inauguração da nova capital do país,  
83 bem como sua geometria e a dinâmica introduzida, sobretudo, pela presença do  
84 automóvel. Nesse contexto, Anápolis adentra um período caracterizado por um novo  
85 processo de modernização, desconstruindo os símbolos anteriores associados a um  
86 passado ferroviário dependente da propulsão a vapor.

#### 87 **A CASA MODERNISTA E O ROMPIMENTO SIMBÓLICO COM O RURAL**

88 Abreu afirma que “não se pode (...) explicar o que é a memória coletiva se não  
89 partirmos da discussão do que vem a ser a memória individual”<sup>6</sup>. Deste modo a opção  
90 por se analisar uma casa modernista específica se justifica a partir da proximidade  
91 com o objeto. O mesmo autor acrescenta ainda que “a memória individual pode  
92 contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de  
93 seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos  
94 urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram”<sup>7</sup>.

95 Certamente é obrigação do pesquisador se atentar para a subjetividade da  
96 “memória individual”. Deste modo, concentraremos a análise nos aspectos formais e  
97 técnicos da arquitetura com relação ao contexto histórico da obra.

98 A casa analisada pertenceu ao ex-prefeito de Anápolis Jonas Ferreira Alves  
99 Duarte e foi construída no ano de 1962 em uma chácara que, à época, ainda pertencia

---

<sup>6</sup> Maurício Abreu, “Sobre a memória das cidades.” In *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*, Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de Souza e Maria Encarnação Beltrão Sposito (São Paulo: Contexto, 2011), 24.

<sup>7</sup> Maurício Abreu, “Sobre a memória das cidades.” In *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*, Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de Souza e Maria Encarnação Beltrão Sposito (São Paulo: Contexto, 2011), 24-25.

100 à zona rural, conforme mapa de evolução urbana do Plano Diretor de Anápolis de  
101 2006<sup>8</sup>.

102 Embora não tenha sido encontrada nenhuma informação sobre a autoria do  
103 projeto arquitetônico do edifício, alguns entrevistados pertencentes à família  
104 atribuíram a obra a um arquiteto de São Paulo, amigo de Jonas Duarte, porém não  
105 recordam o nome do autor do projeto.

106 Para entendermos com mais detalhes a transição formal, tomemos como  
107 comparação a residência anterior da família, localizada no centro da cidade (Figura 1).

108

109 **Figura 1.** Residência em estilo eclético da família de Jonas Ferreira Alves  
110 Duarte até 1962, localizada à Rua Barão do Rio Branco.



111

112 Fonte: Tiago José Duarte Rézio, “A tradição do novo: Uma análise das transformações  
113 da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)” (dissertação de mestrado,  
114 Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016).

115 Devido à progressiva urbanização da região central, a família decide mudar  
116 para um local mais tranquilo, optando por uma chácara nos arredores da cidade.

---

<sup>8</sup> Anápolis, Lei Complementar nº 128. Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Anápolis (Anápolis: Plano Diretor de Anápolis, 2016), <http://www.leis.anapolis.go.gov.br/leis/page/inicio.jsf>

117 Entretanto, o projeto arquitetônico da nova residência rompe com aspectos formais  
118 da arquitetura eclética da casa urbana anterior ou com padrões imaginados para uma  
119 residência em área rural no interior do país. A linguagem escolhida para a nova casa  
120 adota como parte integrante do seu vocabulário uma forma característica da  
121 arquitetura moderna brasileira, típica da década de 1960, arrojada e inovadora para a  
122 época.

123 Naquele momento de ascensão da racionalidade brasileira, no contexto de  
124 desenvolvimento da cidade, não parecia coerente fazer uso dos métodos e sistemas  
125 construtivos do passado. Entretanto, em consonância com os preceitos de  
126 Warchavchik, a nova arquitetura seria “a mais regional possível, porque sua primeira e  
127 principal exigência será a de adaptar-se à região, ao clima, aos costumes do povo”<sup>9</sup>.

128 Se visualmente as duas residências são muito distintas, conceitualmente é  
129 possível interpretá-las sobre um mesmo viés. Nos dois casos, a escolha da arquitetura  
130 do edifício parece ser uma atitude amparada pelo desejo e o sonho da modernidade.  
131 Neste aspecto, Celina Lemos recorda que no Brasil do século XIX a experiência do  
132 ecletismo buscou romper com as marcas do colonialismo e do provincianismo e, por  
133 isso mesmo, pode ser lido como uma atitude moderna, mesmo utilizando imagens  
134 figurativas do passado<sup>10</sup>.

135

---

<sup>9</sup> Gregory Warchavchik, *Arquitetura do século XX e outros escritos* (São Paulo: Cosac Naify, 2006).

<sup>10</sup> Celina Lemos, “A cidade republicana: Belo Horizonte”, 1897/1930 In *Arquitetura da Modernidade*, Leonardo Barci Castriota (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998).

136

137

138

**Figura 2.** No corte esquemático percebe-se a adoção do terreno como partido arquitetônico.



139

140

141

142

Fonte: Tiago José Duarte Rézio, "A tradição do novo: Uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)" (dissertação de mestrado, Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016).

143

144

145

146

147

Ainda que pelo caminho da estética e do gosto pareça uma escolha contraditória, a transição apontada pela arquitetura dessas residências reflete a mudança de pensamento que ocorria em Anápolis, influenciada pelas novidades provenientes da recém-criada capital federal. Vale reforçar que essa escolha indica, mesmo assim, a fidelidade a um ideal a ser alcançado: a do progresso<sup>11</sup> e da modernidade.

148

149

150

151

152

Na análise do novo edifício observaremos em primeiro lugar, a relação com o terreno. A arquitetura moderna com seu caráter renovador trouxe um cuidado projetual e de execução pautados pelos conceitos de funcionalidade, eficiência e economia que devem ser observados a partir de ângulos diversos. Na figura 2 vemos a disposição da edificação no sítio.

153

154

155

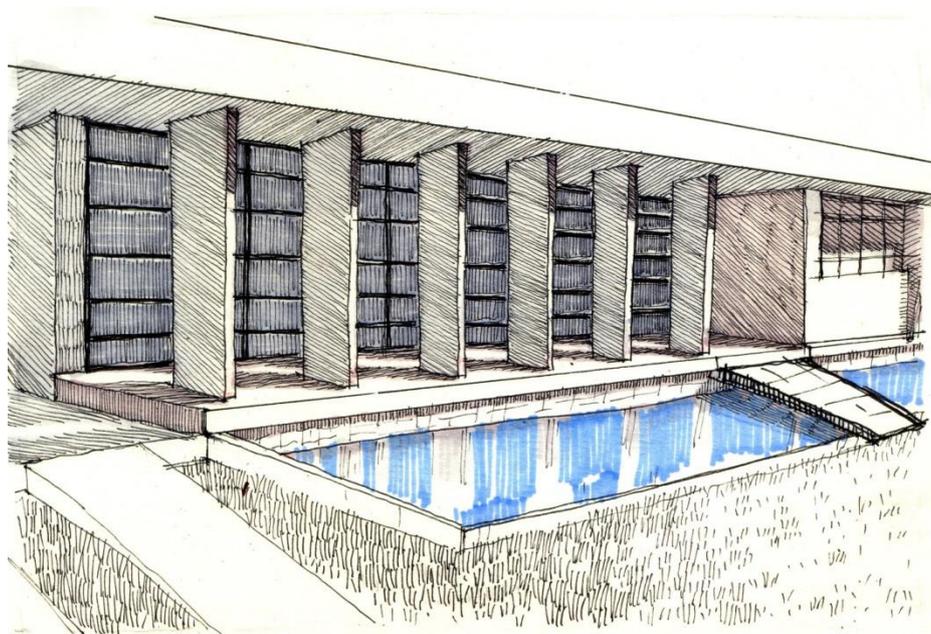
A adoção do meio ambiente como partido arquitetônico marca a preocupação da "arquitetura nova" em não importar simplesmente um estilo e torná-lo um pastiche, como o ecletismo fizera anteriormente. Neste ponto, Warchavchik criticou o

<sup>11</sup> Em historiografia e em filosofia da história, o progresso (do latim *Progressus*, "um avanço") é a ideia de que o mundo pode se tornar gradativamente melhor no que diz respeito à ciência, tecnologia, modernização, democracia. O século XIX é, na Filosofia, o grande século da descoberta da História ou da historicidade do homem, da sociedade, das ciências e das artes. É com Hegel que se afirma que a História é o modo de ser da razão e da verdade. Essa concepção levou à ideia de progresso, isto é, de que os seres humanos, as sociedades, as ciências, as artes e as técnicas melhoram com o passar do tempo, de modo que o presente é melhor e superior, se comparado ao passado, e o futuro será melhor e superior, se comparado ao presente. No entanto, no século XX, a mesma afirmação da historicidade dos seres humanos, da razão e da sociedade levou à ideia de que a História é descontínua e não progressiva. A ideia de progresso passa a ser criticada porque serve como argumento para legitimar colonialismos e imperialismos (os mais "adiantados" teriam o direito de dominar os mais "atrasados").

156 ecletismo. Segundo ele, “O arquiteto, educado no espírito das tradições clássicas, não  
157 compreendendo que o edifício é um organismo construtivo cuja fachada é sua cara,  
158 prega uma fachada postiça, imitação de algum velho estilo, e chega muitas vezes a  
159 sacrificar as nossas comodidades por uma beleza ilusória”<sup>12</sup>.

160 Por outro lado, os modernistas brasileiros, como nos mostra Carlos Lemos,  
161 “procuravam em seus projetos uma linguagem brasileira para os postulados  
162 funcionalistas”<sup>13</sup>. Um exemplo de solução arquitetônica resgatado pela arquitetura  
163 modernista no Brasil foi o alpendre (Figura 3), muito utilizado na arquitetura rural do  
164 século XIX. Lemos cita Debret, “que compreendeu e explica perfeitamente a sua  
165 função básica como moderador da temperatura interna das construções”<sup>14</sup>. A função,  
166 portanto, nunca deveria ser desconsiderada por um arquiteto moderno, já que  
167 qualquer elemento não planejado corria o risco de se tornar vulgar e inutilmente  
168 decorativo.

169 **Figura 3.** Laje avançada apoiada por pilares configurando um alpendre na  
170 fachada nordeste.



171 Fonte: Tiago José Duarte Rézio, “A tradição do novo: Uma análise das transformações da  
172 Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)” (dissertação de mestrado, Anápolis:  
173 Universidade Estadual de Goiás, 2016).  
174

<sup>12</sup> Gregory Warchavchik, *Arquitetura do século XX e outros escritos* (São Paulo: Cosac Naify, 2006), 34.

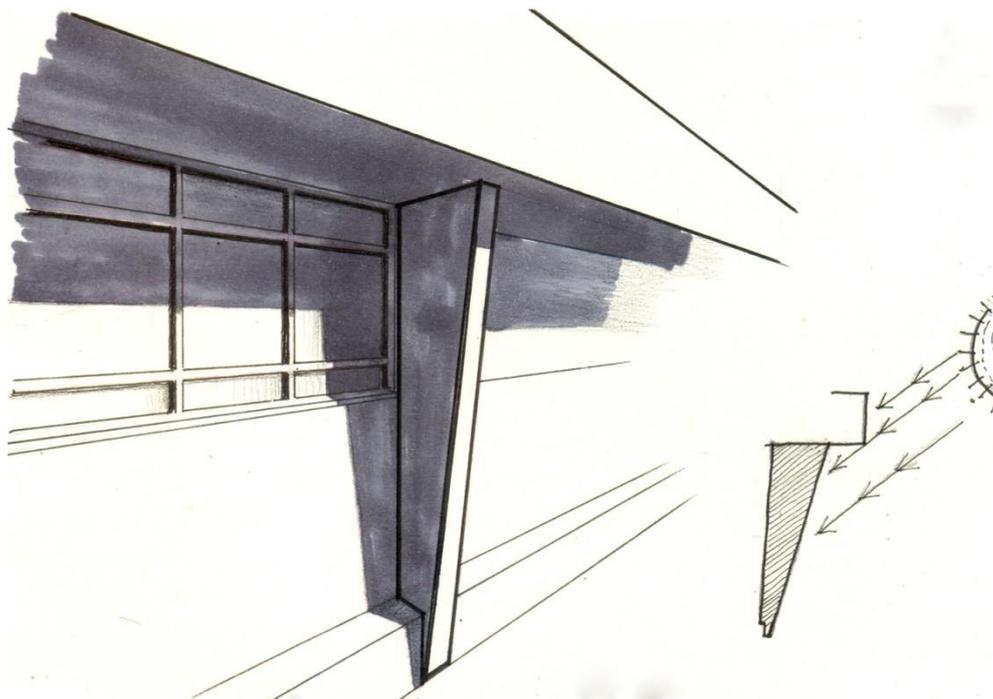
<sup>13</sup> Carlos Alberto Cerqueira Lemos, *Arquitetura brasileira* (São Paulo: Melhoramentos, 1979), 142.

<sup>14</sup> Carlos Alberto Cerqueira Lemos, *Arquitetura brasileira* (São Paulo: Melhoramentos, 1979), 123.

175 À época, o país passava por um momento de ascensão industrial, a confiança  
176 na máquina e sua racionalização eram refletidas na arquitetura, evidenciando,  
177 proporcionalmente, uma descrença no passado. “Os princípios da grande indústria, a  
178 estandardização de portas e janelas”, lembra Warchavchik, “em vez de prejudicar a  
179 arquitetura moderna, só poderão ajudar a criar o que, no futuro, se chamará o estilo  
180 do nosso tempo”. Para ele, “O arquiteto será forçado a pensar com maior intensidade,  
181 sua atenção não ficará presa pelas decorações de janelas e portas, buscas de  
182 proporções, etc”<sup>15</sup>.

183 Por outro lado, observamos como as soluções arquitetônicas estão conectadas  
184 entre si na residência anapolina (Figura 4). Vemos, ao mesmo tempo, elementos  
185 construtivos com a função estrutural e amenizador da insolação que atendem aos  
186 princípios modernistas de fachada livre, ou seja, não deveriam possuir adornos  
187 desnecessários sem sentido que só encareceriam a obra e aumentariam o seu peso  
188 estrutural e estético.

189 **Figura 4.** Detalhe da janela da fachada nordeste protegidas da insolação  
190 com o avanço da laje e o apoio do pilar.



191  
192  
193  
194

Fonte: Tiago José Duarte Rézio, “A tradição do novo: Uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)” (dissertação de mestrado, Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016).

<sup>15</sup> Gregory Warchavchik, *Arquitetura do século XX e outros escritos* (São Paulo: Cosac Naify, 2006), 37.

195 A vista da fachada põe em relevo o *brise soleil*<sup>16</sup>, largamente utilizado pelos  
196 modernistas do país e característica de identidade da nova arquitetura brasileira. Na  
197 mesma perspectiva, destaca-se outro setor resultante da adoção do partido  
198 arquitetônico: o jardim. De acordo com o programa e o espaço disponível, optou-se  
199 por uma edificação horizontal, o que, a princípio, impossibilitaria a adoção de um  
200 terraço jardim ou “teto jardim”<sup>17</sup>, já que não haveria um segundo pavimento para a  
201 construção deste ambiente (Imagem 1). Entretanto, o arquiteto utiliza o acentuado  
202 declive para a locação do jardim e, acima deste, eleva uma área descoberta (Figura 5)  
203 com ampla abertura para o poente, a partir da sala de jantar.

204

**Imagem 1.** Vista da fachada.

205  
206

Fonte: Fotografia registrada por V. L. Santos, 2016.

207 Se “a maneira de construir de um povo deve refletir, positivamente, a sua  
208 maneira de sentir”, como afirma Warchavchik<sup>18</sup>, o espaço, no projeto modernista  
209 anapolino, torna-se, então, um local de contemplação e área de lazer familiar, que  
210 conceitual e formalmente se assemelha ao terraço jardim, proporcionando a  
211 possibilidade de apropriações posteriores.

212

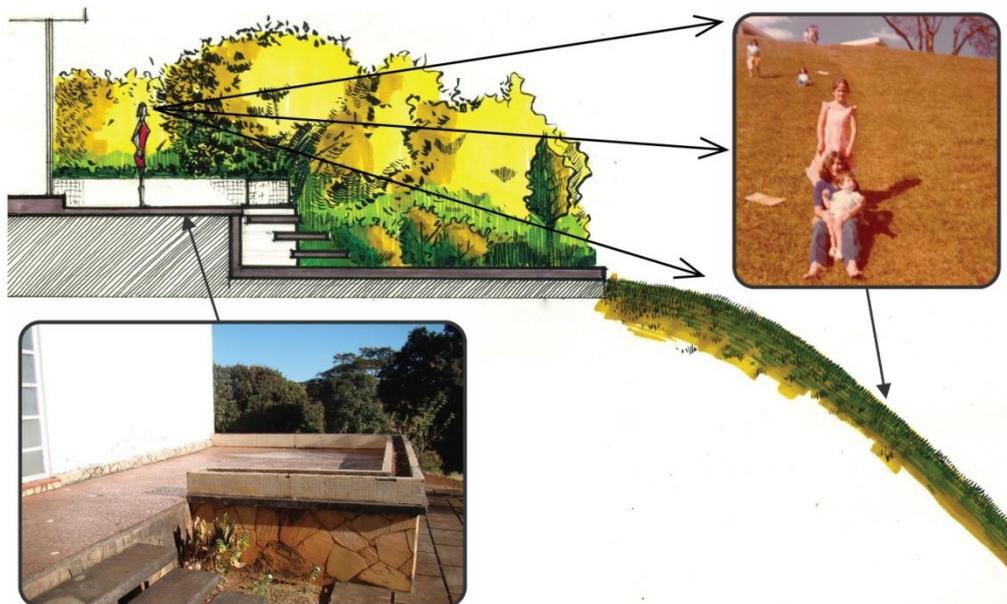
<sup>16</sup> Hugo Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002).

<sup>17</sup> Simon Unwin, *Vinte edifícios que todo arquiteto deve compreender* (São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013).

<sup>18</sup> Gregory Warchavchik, *Arquitetura do século XX e outros escritos* (São Paulo: Cosac Naify, 2006), 71.

213

**Figura 5.** Corte esquemático do jardim e declive natural do terreno.



214  
215  
216  
217

Fonte: Tiago José Duarte Rézio, “A tradição do novo: Uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)” (dissertação de mestrado, Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016).

218

219

220

221

222

223

224

225

Seguindo a mesma tendência, o programa arquitetônico (Figura 6) é distribuído de acordo com as necessidades da família e com os padrões sociais, econômicos e culturais da época. Reflexo destas mudanças, além das particularidades descritas anteriormente, era parte do programa uma despensa e o quarto de empregada. O banheiro principal e a suíte possuíam banheira e a área da garagem destinava-se a apenas um carro, diferente dos padrões atuais que geralmente são para dois ou mais automóveis.

226

227

228

229

230

231

232

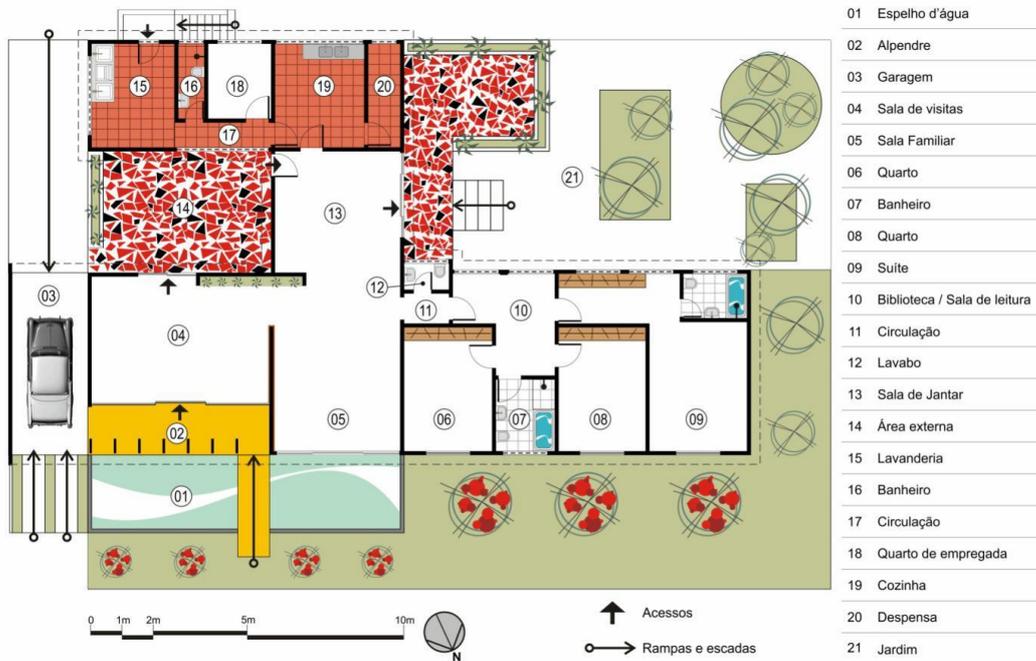
233

234

A partir das décadas de 1970-1980, as proximidades da área escolhida para a edificação da casa passou por um acelerado processo de ocupação e crescimento econômico. Não encontramos registros de previsão ou algum projeto de expansão urbana associado ao desenvolvimento da região nos anos seguintes à construção da residência, porém, supomos que a escolha da área não tenha sido feita ao acaso, devido, sobretudo, à influência do ex-proprietário, personagem conhecido da vida política local. De fato, ao ampliarmos alguns metros nosso raio de observação, veremos que a área se localiza atualmente na confluência de um importante eixo econômico da cidade (Imagem 2). Embora ainda existam outros exemplares de casas

235 modernistas do mesmo período (décadas de 1960 e 1970), foram edificadas em área já  
 236 urbanizada, ao contrário da casa planejada pela família Alves Duarte.

237 **Figura 6.** Planta baixa com a indicação do programa arquitetônico.



238  
 239 Fonte: Tiago José Duarte Rézio, "A tradição do novo: Uma análise das transformações da Avenida  
 240 Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)" (dissertação de mestrado, Anápolis: Universidade Estadual  
 241 de Goiás, 2016).  
 242

243 **Imagem 2.** Contexto urbano atual da área onde se localiza a residência.



244  
 245 Fonte: Imagem de satélite fornecida pelo Google Earth, Tiago José Duarte Rézio, "A tradição do novo:  
 246 Uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)" (dissertação de  
 247 mestrado, Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016).  
 248

249 Finalmente, a opção pela análise de uma edificação específica se justifica pelas  
250 transformações provocadas na paisagem referentes aos ideais modernistas. Ao  
251 compreendermos a casa como um símbolo de uma nova modernidade (notadamente  
252 com a construção de Brasília) identificamos elementos importantes que nos  
253 aproximam do contexto no qual se estabeleceu o modernismo em Anápolis. Como  
254 afirma Maurício Abreu, a memória “tem uma dimensão individual, mas muitos dos  
255 seus referentes são sociais, e permitem que, além da memória individual, que é por  
256 definição única, tenhamos também uma memória intersubjetiva, uma memória  
257 compartilhada, uma memória coletiva”<sup>19</sup>. Estes elementos nos conduzem a outro  
258 objeto de análise: a Avenida Brasil e sua consolidação como eixo cívico e viário, além  
259 de símbolo coletivo das transformações urbanas e econômicas na cidade.

#### 260 **AVENIDA BRASIL: EIXO DA RACIONALIDADE**

261 Silva nos explica que o “clima da época” que marcava as transformações  
262 ocorridas em função da construção de Brasília “caracterizava-se pelo  
263 experimentalismo eufórico dos momentos de mudança acelerada”. Segundo ele, “O  
264 complexo de inferioridade e a passividade pareciam superados”<sup>20</sup>. Em Anápolis, os  
265 desdobramentos da intensa influência de Brasília – modelos construtivos originais e  
266 perspectiva inovadora a respeito dos espaços urbanos – resultavam em  
267 transformações perceptíveis na nova paisagem da cidade. Trinta anos antes, a cidade  
268 havia recebido a influência da fundação e construção de Goiânia (nova capital do  
269 Estado) que, através da arquitetura *Art Déco*, introduziu na cidade aspectos modernos,  
270 funcionais e decorativos, marcados principalmente por uma ornamentação  
271 geometrizarante. Mas com Brasília, o passado marcado pela chegada da ferrovia foi  
272 superado por uma nova modernidade marcada pela velocidade das autoestradas e a  
273 dinâmica acelerada devido à presença do automóvel.

---

<sup>19</sup> Maurício Abreu, “Sobre a memória das cidades.” In *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*, Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de Souza e Maria Encarnação Beltrão Sposito (São Paulo: Contexto, 2011), 26.

<sup>20</sup> Luiz Sérgio Duarte da Silva, *A construção de Brasília: modernidade e periferia* (Goiânia: Editora UFG, 2010), 14.

274 Em meio a um cenário de incessantes transformações, a Avenida Brasil, antes  
275 rodovia BR-14 – trecho da Rodovia Transbrasiliana que ligava Anápolis à colônia  
276 agrícola de Ceres – se incorpora à cidade como importante eixo de ligação no sentido  
277 norte-sul, servindo de vetor para importantes transformações. A velocidade das  
278 mudanças coincide com a inauguração da nova capital federal. A Lei 379 de 24 de  
279 janeiro de 1963<sup>21</sup>, sancionada pelo ex-prefeito Jonas Ferreira Alves Duarte, nomeia o  
280 trecho compreendido entre a Avenida Goiás e o bairro Jardim Gonçalves como  
281 Avenida Brasil. Trata-se, especificamente, da parte Sul da avenida e que, futuramente,  
282 em 1976, seria o principal eixo de acesso ao distrito agroindustrial da cidade.

283 Se, como afirma Silva, “a representação baseia-se no conceito de simbolismo,  
284 a operatividade do símbolo, ou seja, a existência e a efetividade de coisas que estão no  
285 lugar de outras”<sup>22</sup>, a Avenida Brasil se afirma progressivamente na paisagem da cidade  
286 como representação modernista. Anápolis deixava para trás o passado ritmado pela  
287 ferrovia. O presente e o futuro seriam incompatíveis com a velocidade da máquina a  
288 vapor. Para o bem ou para o mal, a cidade marcava sua entrada, nas palavras de Milton  
289 Santos, no “período do capitalismo tecnológico”<sup>23</sup>.

290 E para reforçar tais transformações, as instituições políticas e seus arautos da  
291 modernidade deveriam acompanhar os novos ideais, projetando discursos e práticas  
292 sobre os espaços da cidade, firmando-se através da imposição de uma nova  
293 arquitetura e urbanismo. Este cenário deveria estabelecer perspectivas inovadoras  
294 associadas a símbolos que representassem a chegada da modernidade. Assim, seria  
295 superficial considerarmos apenas os edifícios, deixando de lado outras dimensões  
296 integradas às mudanças em curso, pois, como ensina Milton Santos, “objetos e  
297 relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais, e estas  
298 impactam os objetos”<sup>24</sup>.

299

---

<sup>21</sup> Anápolis, Decreto Lei nº 379. Dá denominação a trecho de rua que menciona e dá outras providências (Anápolis, 1963), <http://www.leis.anapolis.go.gov.br/leis/page/inicio.jsf>

<sup>22</sup> Luiz Sérgio Duarte da Silva, *A construção de Brasília: modernidade e periferia* (Goiânia: Editora UFG, 2010), 20.

<sup>23</sup> Milton Santos, *Metamorfoses do espaço habitado* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014), 20.

<sup>24</sup> Milton Santos, *Metamorfoses do espaço habitado* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014), 64.

300 Deste modo, o local que abrigava o antigo edifício da prefeitura, na Praça Bom  
 301 Jesus, no centro da cidade, possuía um desenho urbano que não condizia com os  
 302 novos princípios da racionalidade moderna (Figura 7). Sede do Poder Executivo  
 303 municipal até 1973, transferido em 1975 para o Palácio Santana (Avenida Brasil Norte),  
 304 foi novamente deslocado, em 1982, para o recém-inaugurado Centro Administrativo  
 305 (Avenida Brasil Sul)<sup>25</sup>. No antigo prédio, funcionava, também, o Fórum de Justiça de  
 306 Anápolis que, após a transferência da prefeitura, continuou ali até 1993, quando foi  
 307 inaugurado um novo edifício ao lado do Centro Administrativo.

308 **Figura 7.** Croqui atual do local onde funcionou a Prefeitura de 1943 até 1975.



309 Fonte: Imagem de satélite fornecida pelo *Google Earth*, Tiago José Duarte Rézio, “A tradição  
 310 do novo: Uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-  
 311 2014)” (dissertação de mestrado, Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016).  
 312

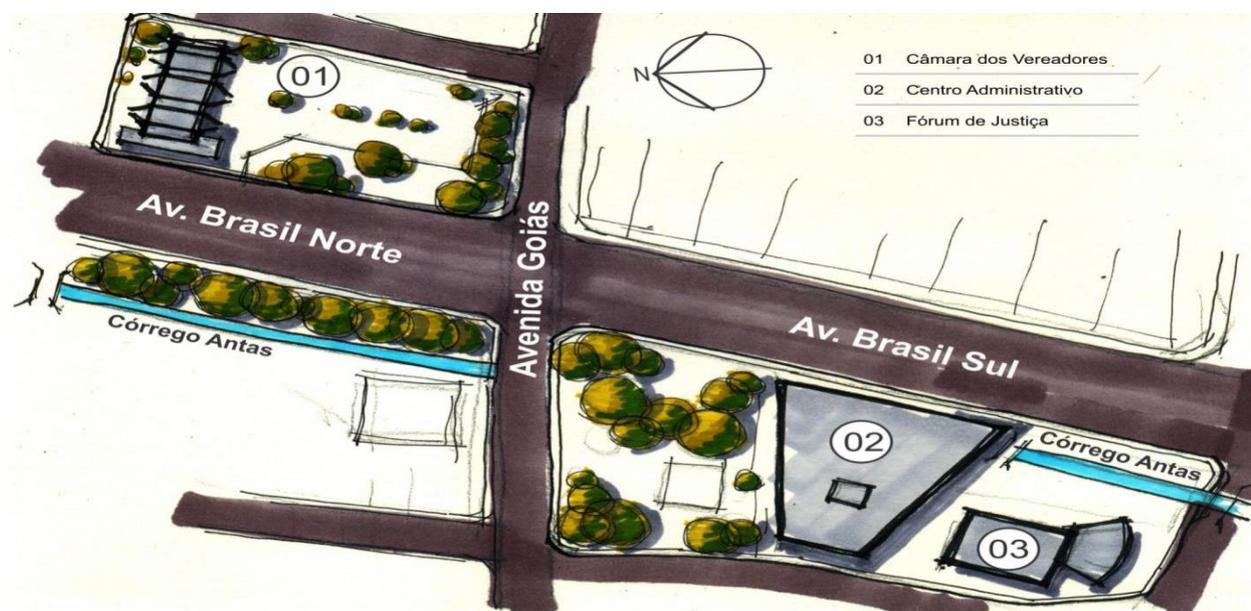
313 Mesmo construído fora do período modernista, intervalo objeto do presente  
 314 estudo, convém indicar a localização do edifício onde passou a funcionar o Fórum de  
 315 Justiça, tendo em vista que sua disposição complementa o conjunto dos três poderes  
 316 intercalados ao longo do mesmo eixo (Figura 8).

317 Outro aspecto que não podemos ignorar é a nova relação que se estabelece  
 318 entre os homens e o espaço no qual habitam. Se, para Milton Santos, “A história do  
 319 homem sobre a Terra é a história de uma rotura progressiva entre o homem e o

<sup>25</sup> Tiziano Chiarotti, Diretor do Museu Histórico de Anápolis, entrevista realizada por Tiago José Duarte Rézio. Depoimento (18 de fevereiro de 2015).

320 entorno<sup>26</sup>, a canalização do Córrego Antas, sancionada pela Lei nº 860 de 1980<sup>27</sup>, é  
321 emblemática na relação futura que os poderes dominantes estabelecerão com os  
322 ambientes da cidade. Desde logo, a relação dos habitantes de Anápolis com a  
323 velocidade das transformações introduzidas pelo desenvolvimento técnico e científico  
324 põe em jogo aspectos fundamentais que participam do processo de construção de sua  
325 identidade sob as promessas da modernidade. Este conjunto de influências  
326 decorrente da pluralidade cultural no processo de formação da cidade moldou,  
327 inegavelmente, a mais clara característica de sua identidade urbana, que é a de  
328 constante renovação da paisagem e um sentimento de desapego com relação ao  
329 passado – reforçados por um forte discurso político e ideológico assentando na ideia  
330 de progresso<sup>28</sup>.

331 **Figura 8.** Os três poderes no mesmo eixo viário.



332 Fonte: Croqui com base em imagem de satélite fornecida pelo *Google Earth*, Tiago José Duarte Rézio, “A  
333 tradição do novo: Uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)”  
334 (dissertação de mestrado, Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016).  
335

<sup>26</sup> Milton Santos, *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional* (São Paulo: Hucitec, 1997), 16.

<sup>27</sup> Anápolis, Lei de nº 860. Autoriza o executivo a assinar convênio com o departamento nacional de obras de saneamento e dá outras providências (Anápolis, 1980). <http://www.leis.anapolis.go.gov.br/leis/page/inicio.jsf>.

<sup>28</sup> Tiago José Duarte Rézio, “A tradição do novo: Uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)” (dissertação de mestrado, Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016).

336 Aliás, como afirma ainda Milton Santos, “não há uma só modernidade; existem  
337 modernidades em sucessão, que formam e desmancham períodos”<sup>29</sup>. Silva  
338 complementa o argumento dizendo que “uma ideologia do moderno, em que o  
339 discurso dos setores dominantes tende a legitimar a ordem capitalista erigindo a  
340 condição moderna em valor em si, e é capaz de autoconferir-se positividade,  
341 principalmente por meio do seu grande símbolo, a razão, assume importância  
342 capital”<sup>30</sup>. Deste modo, o evidente desapego com relação aos símbolos do passado  
343 possui uma raiz na forma em que se articulam economicamente os modos de  
344 produção. Para Santos, “Quando um novo instrumento ou meio ou forma de trabalho  
345 torna-se uma forma de ação, constitui-se uma espécie de certidão de nascimento ou  
346 data de origem. De tal maneira, seu emprego num determinado lugar – emprego  
347 imediato ou posterior – atribui a esse lugar, ao menos para o mencionado  
348 instrumento, condições técnicas do momento em que, pela primeira vez, esse  
349 instrumento de trabalho se incorporou à História”<sup>31</sup>.

350 Em 1976, quando a população de Anápolis realiza uma festa em comemoração  
351 à remoção dos trilhos e ao fim da insatisfação com a ferrovia<sup>32</sup>, ou atualmente, quando  
352 presenciamos a resistência dos agentes hegemônicos contra a preservação de objetos  
353 do passado e a ânsia pela construção de viadutos que se esgotam antes mesmo de  
354 serem inaugurados, torna-se evidente que “a técnica constitui um elemento de  
355 explicação da sociedade, e de cada um dos seus lugares geográficos”<sup>33</sup>.

## 356 CONCLUSÃO

357 A tentativa de compreender a relação histórica de uma sociedade partindo de  
358 um estudo das formas arquitetônica e urbana consiste em remontar ao aspecto  
359 simbólico e visual da produção do espaço. A partir do estudo da paisagem como

---

<sup>29</sup> Milton Santos, *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional* (São Paulo: Hucitec, 1997), 71.

<sup>30</sup> Luiz Sérgio Duarte da Silva, *A construção de Brasília: modernidade e periferia* (Goiânia: Editora UFG, 2010), 22.

<sup>31</sup> Milton Santos, *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional* (São Paulo: Hucitec, 1997), 62.

<sup>32</sup> Adriana Mara Vaz de Oliveira, Fernanda A. F. Mendonça. “Paisagem e patrimônio: a estação ferroviária de Anápolis” (3º Colóquio Iberoamericano – Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, Belo Horizonte: UFMG, 2014), 01-20.

<sup>33</sup> Milton Santos, *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional* (São Paulo: Hucitec, 1997), 63.

360 parcela visível da produção e reprodução do ambiente urbano, podemos compreender  
361 como as cidades se constituem no espaço e no tempo. Este foi o ponto de partida que  
362 tomamos.

363 Reencontrar algumas camadas do palimpsesto que compõem a paisagem de  
364 uma cidade torna-se desafiador. Mesmo porque, sua fisionomia se metamorfoseia,  
365 altera-se rapidamente, em função de um vasto conjunto de forças hegemônicas em  
366 conflito (agentes políticos, econômicos e atores sociais) que impulsionam as lutas em  
367 direção ao futuro, tentando se adaptar aos “novos tempos” num constante desejo de  
368 modernidade. Nesse movimento, é possível identificar diversas combinações que  
369 carregam elementos tradicionais e modernos, traços discretos e outros mais ousados  
370 de experimentações e influências formais e técnicas. Como a consciência da  
371 preservação do patrimônio da cidade não está enraizada nessa sociedade, a sensação  
372 que se tem é que tudo pode estar por um fio, na eminência da perda.

373 A nossa maneira de abordar esse tema elegeu dois pequenos objetos  
374 mergulhados em momentos de crise: a história de uma casa modernista edificada em  
375 contexto extraurbano, que revela as tensões marcadas pela influência direta da  
376 construção de Brasília – signo máximo do urbanismo e da arquitetura modernista  
377 brasileira – e as transformações de uma avenida, espinha dorsal, elemento físico  
378 marcante, mas também simbólico, que condensa as aventuras de uma cidade que  
379 respira através da renovação.

380 De nossa perspectiva, os dois estudos indicam que o futuro dessa paisagem  
381 urbana é bastante incerto. Ao que tudo indica o compromisso e as intenções dos  
382 agentes que tem o poder de fazer e modificar a cidade, que constroem e reconstroem  
383 o espaço urbano em Anápolis, não estão entrelaçados com elementos que consideram  
384 a importância da história ou da memória. Neste ponto, é preciso retomar um tema  
385 fundamental e caro na construção da paisagem e da imagem de uma cidade: o do  
386 comprometimento urbano com a arquitetura. Compreender e revisitar iniciativas do  
387 passado, em diferentes períodos da história da arquitetura e da cidade, que  
388 relacionaram com dignidade questões como concepção, formas, materiais, técnicas e  
389 inserção urbana do edifício, seria, desde já, uma direção a ser seguida. Para vislumbrar

390 uma cidade com paisagens que façam sentido é preciso que a arquitetura volte a ser  
391 um elemento importante na construção e consolidação dos lugares da memória.

## 392 REFERENCIAS

393 Adriana Mara Vaz de Oliveira, Fernanda A. F. Mendonça. “Paisagem e patrimônio: a  
394 estação ferroviária de Anápolis” (3º Colóquio Iberoamericano – Paisagem Cultural,  
395 Patrimônio e Projeto, Belo Horizonte: UFMG, 2014), 01-20.

396 Anápolis, Decreto Lei nº 379. Dá denominação a trecho de rua que menciona e dá  
397 outras providências (Anápolis, 1963),  
398 <http://www.leis.anapolis.go.gov.br/leis/page/inicio.jsf>

399 Anápolis, Lei Complementar nº 128. Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do  
400 Município de Anápolis (Anápolis: Plano Diretor de Anápolis, 2016),  
401 <http://www.leis.anapolis.go.gov.br/leis/page/inicio.jsf>

402 Anápolis, Lei Complementar nº 349. Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do  
403 Município de Anápolis (Anápolis: Plano Diretor de Anápolis, 2016),  
404 <http://www.leis.anapolis.go.gov.br/leis/page/inicio.jsf>

405 Anápolis, Lei de nº 860. Autoriza o executivo a assinar convênio com o departamento  
406 nacional de obras de saneamento e dá outras providências (Anápolis, 1980).  
407 <http://www.leis.anapolis.go.gov.br/leis/page/inicio.jsf>.

408 Carlos Alberto Cerqueira Lemos, *Arquitetura brasileira* (São Paulo: Melhoramentos,  
409 1979), 142.

410 Carlos Alberto Cerqueira Lemos, *Arquitetura brasileira* (São Paulo: Melhoramentos,  
411 1979), 123.

412 Celina Lemos, “A cidade republicana: Belo Horizonte”, 1897/1930 In *Arquitetura da*  
413 *Modernidade, Leonardo Barci Castriota* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998).

414 Gregory Warchavchik, *Arquitetura do século XX e outros escritos* (São Paulo: Cosac  
415 Naify, 2006).

416 Gregory Warchavchik, *Arquitetura do século XX e outros escritos* (São Paulo: Cosac  
417 Naify, 2006), 34.

418 Gregory Warchavchik, *Arquitetura do século XX e outros escritos* (São Paulo: Cosac  
419 Naify, 2006), 37.

420 Gregory Warchavchik, *Arquitetura do século XX e outros escritos* (São Paulo: Cosac  
421 Naify, 2006), 71.

- 422 Hugo Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990* (São Paulo: Editora da Universidade de  
423 São Paulo, 2002).
- 424 Luiz Sérgio Duarte da Silva, *A construção de Brasília: modernidade e periferia* (Goiânia:  
425 Editora UFG, 2010), 14.
- 426 Luiz Sérgio Duarte da Silva, *A construção de Brasília: modernidade e periferia* (Goiânia:  
427 Editora UFG, 2010), 20.
- 428 Luiz Sérgio Duarte da Silva, *A construção de Brasília: modernidade e periferia* (Goiânia:  
429 Editora UFG, 2010), 22.
- 430 Maurício Abreu, “Sobre a memória das cidades.” In *A produção do espaço urbano:  
431 agentes e processos, escalas e desafios*, Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de  
432 Souza e Maria Encarnação Beltrão Sposito (São Paulo: Contexto, 2011), 24.
- 433 Maurício Abreu, “Sobre a memória das cidades.” In *A produção do espaço urbano:  
434 agentes e processos, escalas e desafios*, Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de  
435 Souza e Maria Encarnação Beltrão Sposito (São Paulo: Contexto, 2011), 24-25.
- 436 Maurício Abreu, “Sobre a memória das cidades.” In *A produção do espaço urbano:  
437 agentes e processos, escalas e desafios*, Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de  
438 Souza e Maria Encarnação Beltrão Sposito (São Paulo: Contexto, 2011), 26.
- 439 Maurício Abreu, “Sobre a memória das cidades” In *A produção do espaço urbano:  
440 agentes e processos, escalas e desafios*, Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de  
441 Souza e Maria Encarnação Beltrão Sposito (São Paulo: Contexto, 2011), 23.
- 442 Milton Santos, *Metamorfoses do espaço habitado* (São Paulo: Editora da Universidade  
443 de São Paulo, 2014), 20.
- 444 Milton Santos, *Metamorfoses do espaço habitado* (São Paulo: Editora da Universidade  
445 de São Paulo, 2014), 64.
- 446 Milton Santos, *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico  
447 informacional* (São Paulo: Hucitec, 1997), 16.
- 448 Milton Santos, *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico  
449 informacional* (São Paulo: Hucitec, 1997), 71.
- 450 Milton Santos, *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico  
451 informacional* (São Paulo: Hucitec, 1997), 62.
- 452 Milton Santos, *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico  
453 informacional* (São Paulo: Hucitec, 1997), 63.
- 454 Simon Unwin, *Vinte edifícios que todo arquiteto deve compreender* (São Paulo: Wmf  
455 Martins Fontes, 2013).

456 Tiago José Duarte Rézio, “A tradição do novo: Uma análise das transformações da  
457 Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)” (dissertação de mestrado, Anápolis:  
458 Universidade Estadual de Goiás, 2016).

459 Tiziano Chiarotti, Diretor do Museu Histórico de Anápolis, entrevista realizada por  
460 Tiago José Duarte Rézio. Depoimento (18 de fevereiro de 2015).

461

462 **A House and An Avenue: Symbolism, Identity and Modernist Rationality**  
463 **in Anápolis**

464

465 **ABSTRACT**

466 The article presents two studies that synthesizes the breaking with the past of the rails and  
467 steam and the hope for the future of the highways and fast cars, in the brazilian city of  
468 Anapolis, located between the cities of Brasília (federal capital) and Goiânia (capital of the  
469 State of Goiás). As from individual and collective memory, this article construe elements  
470 presents in a building in the countryside – taking architecture as symbol of rupture with the  
471 past and the advent of modernity – in the same context an avenue and your consolidation as  
472 civic axis and economic vector which symbolizes the strength of capitalism in the production  
473 of the urban space. Thus, the study tries to understand, through the materialization of the  
474 landscape, the relationship of the city with the progress of your history.

475

476 **Keywords:** Landscape; Modernism; Urbanism.

477

478

479

480

481

482

483

484

485

486

487

488

489

490

491

Recibido: 22/09/2018  
Aprobado: 16/10/2018